

EUA aceleram crescimento

Heitor Tepedino

Nova Iorque — Os principais setores da economia norte-americana estão utilizando em média praticamente 90 por cento de sua capacidade de produção, o que é um dos índices mais elevados dos últimos anos, revelando uma retomada de crescimento das mais vigorosas, conforme dados revelados pelo Federal Reserve (Banco Central), mostrando que as indústrias de veículos estão utilizando 87,1 por cento de sua capacidade e a de máquinas elétricas 92,2 por cento. Segundo os dados oficiais, a capacidade de produção global dos EUA cresceu em março 0,2 por cento, elevando este índice para 80,9 por cento, o que não se considera uma expansão excepcional, devido aos resultados dos dois primeiros meses deste ano, que foram mais altos.

A taxa inflacionária americana estava em 4,6 por cento em fevereiro, em relação aos últimos 12 meses, com as expectativas mostrando que tendo continuidade o crescimento acelerado da produção, os preços naturalmente serão aquecidos, o que está levando a estimar-se que até o final desse ano a inflação dos EUA deve atingir entre 6 a 7 por cento, acima das previsões oficiais. Em contrapartida, alguns analistas dizem que este é um ponto de vista pessimista, que não leva em conta a política monetária contracionista do Federal Reserve, que deve segurar as pressões sobre os preços.

No entanto, alguns setores da economia que nos últimos anos estavam visivelmente recessivos, agora dispararam para apresentar utilização de sua capacidade de produção quase que plena, como ocorre com a área de papéis, com 98,2 por cento; os têxteis, com 88,2 por cento; e a borracha e plásticos com 93,3 por cento. Enquanto, por seu

lado, o setor de fundição consegue operar com 100 por cento de sua capacidade. Frente a esses resultados, a previsão é de que o consumidor irá retrain-se frente às novas taxas de juros do mercado, com reflexos na demanda de muitos produtos, obrigando as indústrias a refrearem este ímpeto de crescimento acelerado.

Os banqueiros, por sua vez, estão achando que acertaram quando elevaram a "prime rate" de 11 para 12 por cento. Um desses banqueiros ponderou que quando uma indústria chega nos 83 por cento de sua capacidade de produção, está na hora de procurar expandir os programas da empresa, o que significa pesadas tomadas de empréstimo, o que, por seu lado, deve forçar a alta das taxas de juros.

Essas previsões são confirmadas de uma forma ampla: o setor produtivo americano está eufórico com a demanda violenta que seus produtos vêm tendo nos últimos meses, os banqueiros estão ganhando mais com os juros elevados, enquanto o consumidor até agora não retraiu as suas compras, como verificou-se no setor automobilístico nos primeiros 10 dias de abril, que teve uma expansão de 33 por cento em relação ao mesmo período do ano passado.

Contudo, o problema agora para os empresários americanos é aguardar a reação do Federal Reserve, estimando-se que a sua política deve ser de procurar drenar o excesso de recursos do sistema financeiro num esforço de estabilizar o crescimento da economia, sem pressões inflacionárias. Mas, nesta conjuntura ninguém acredita que a inflação dos Estados Unidos irá cair ou pelo menos manter-se no patamar dos 4,6 por cento de fevereiro, com a maioria dos analistas prevendo que suba para 6 ou 7 por cento, o que seria ruim para o futuro das taxas de juros.